

**Ramatís**

**A VIDA NO  
PLANETA MARTE E  
OS DISCOS VOADORES**

Obra mediúnica  
ditada pelo  
espírito Ramatís  
ao médium  
Hercílio Maes

© 1955 — Hercílio Maes

A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores  
Ramatis (psicografado por Hercílio Maes)

Todos os direitos desta edição  
reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Caixa Postal 404  
CEP 13480-970 — Limeira — SP  
Fone/Fax: 19 34510143  
www.edconhecimento.com.br  
conhecimento@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos auto-  
rais, é proibida a reprodução total ou parcial, de  
qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico  
ou mecânico, inclusive por processos xerográficos,  
de fotocópia e de gravação — sem permissão por  
escrito do editor.

Ilustração da Capa: João Ático Filho  
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho  
Colaboraram nesta edição:  
Mariléa de Castro  
Paulo Gontijo de Almeida  
Sebastião de Carvalho

ISBN 85-7618-356-3 — 18ª EDIÇÃO - 2015

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no Departamento Gráfico de  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
Fone/Fax: 19 34515440  
e-mail: grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ramatis (Espírito)

A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores /  
Ramatis ; obra mediúcnica ditada pelo espírito Rama-  
tís ao médium Hercílio Maes. — 18ª ed. — Limeira,  
SP : Editora do Conhecimento, 2015.

ISBN 85-7618-356-3

1. Espiritismo 2. Marte (planeta) 3. Objetos voa-  
dores não identificados 4. Psicografia 5. Vida  
extraterrestre 1. Maes, Hercílio, (1913-1993). II.  
Título.

08-02841

CDD — 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Marte 2. Planeta : Vida : Obras mediúnicas  
psicografadas : Espiritismo 133.93

**Ramatís**

# **A VIDA NO PLANETA MARTE E OS DISCOS VOADORES**

Obra mediúnica  
ditada pelo  
espírito Ramatís  
ao médium  
Hercílio Maes

18ª edição — 2015



## Outras obras de Ramatís editadas pela Editora do Conhecimento

Obras psicografadas por  
HERCÍLIO MAES

- A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores - 1955
  - Mensagens do Astral - 1956
  - A Vida Além da Sepultura - 1957
- A Sobrevivência do Espírito - 1958
  - Fisiologia da Alma - 1959
    - Mediunismo - 1960
  - Mediunidade de Cura - 1963
  - O Sublime Peregrino - 1964
  - Elucidações do Além - 1964
  - Semeando e Colhendo - 1965
  - A Missão do Espiritismo - 1967
    - Magia de Redenção - 1967
- A Vida Humana e o Espírito Imortal - 1970
  - O Evangelho à Luz do Cosmo - 1974
  - Sob a Luz do Espiritismo - 1999

Obras psicografadas por  
MARIA MARGARIDA LIGUORI

- O Homem e o Planeta Terra - 1999
- O Despertar da Consciência - 2000
  - Jornada de Luz - 2001
- Em Busca da Luz Interior - 2001

Obra psicografada por  
AMÉRICA PAOLIELLO MARQUES

- Mensagens do Grande Coração - 1962

Obra psicografada por  
MÁRCIO GODINHO

- As Flores do Oriente - 2000

Obra psicografada por  
NORBERTO PEIXOTO

- Chama Crística - 2001
  - Samadhi - 2002
- Evolução no Planeta Azul
  - Jardim dos Orixás
  - Vozes de Aruanda
- A Missão da Umbanda

## MINHA GRATIDÃO

Aos corações amigos e generosos de  
LEVINO WISCHRAL E ERNESTINA WIS-  
CHRAL a quem devo o conforto e ânimo para o  
desempenho da minha tarefa espiritual a serviço de  
meus irmãos.

Ao querido amigo e irmão JOSÉ FUZEIRA pelo  
seu esforço e dedicada cooperação que dispensou a  
esta obra.

A FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER em cuja vida  
eu me tenho inspirado para desempenho da minha tarefa  
mediúnica.

Curitiba, agosto de 1955  
Hercílio Maes



## Sumário



Resposta aos leitores .....	9
Esclarecimentos necessários .....	11
Prefácio .....	19
Intróito de Ramatís .....	31
Planeta Marte - A visão da ciência astronômica do século XXI .....	33
Planeta Marte - O que sabemos hoje a seu respeito.....	35
Capítulo 1 - Aspectos gerais marcianos .....	43
Capítulo 2 - Aspectos humanos .....	59
Capítulo 3 - Casamento .....	75
Capítulo 4 - Família.....	94
Capítulo 5 - Infância .....	106
Capítulo 6 - Educação e escolas .....	123
Capítulo 7 - Idioma, cultura e tradições .....	152
Capítulo 8 - Religião .....	166
Capítulo 9 - Medicina.....	188
Capítulo 10 - Alimentação.....	207
Capítulo 11 - Esportes e divertimentos.....	226
Capítulo 12 - Música.....	239
Capítulo 13 - Canto, dança e teatro .....	264
Capítulo 14 - Pintura .....	277
Capítulo 15 - As aves .....	290
Capítulo 16 - As flores.....	299
Capítulo 17 - Fruticultura.....	314

Capítulo 18 - Trabalho .....	325
Capítulo 19 - Indústria.....	342
Capítulo 20 - Comércio .....	352
Capítulo 21 - Edificações e residências.....	365
Capítulo 22 - Energia motriz.....	382
Capítulo 23 - Governo.....	391
Capítulo 24 - Faculdades psíquicas.....	404
Capítulo 25 - Reencarnação e desencarnação .....	424
Capítulo 26 - Aeronaves, espaçonaves; discos voadores ....	443
Capítulo 27 - Viagens interplanetárias .....	461
Capítulo 28 - Astrosofia .....	476
Capítulo 29 - Filosofia espiritual marciana.....	493



## *Resposta aos leitores*



Tendo recebido cartas de alguns confrades espíritas, que tomando por base a consideração de Allan Kardec, no *Livro dos Espíritos*, pergunta 188 do capítulo “Da Pluralidade das Existências”, afirmam que o codificador do Espiritismo considera a vida no planeta Marte bastante inferior à existência na Terra, opondo-se como um desmentido ao conteúdo da presente obra que psicografei de Ramatís, sinto-me no dever de atender às solicitações desses leitores e evitar qualquer descortesia fraterna. Assim, pois, achei de melhor alvitre expor o caso ao próprio Ramatís, quanto à dúvida levantada, o qual ditou a seguinte resposta:

RAMATÍS: — “Entre o que disse o eminente codificador do Espiritismo, com relação ao verdadeiro grau evolutivo do planeta Marte e a obra presente que ditamos, ainda não se evidencia nenhuma discrepância definitiva. Allan Kardec foi bastante prudente em sua consideração ao texto da pergunta nº 188 do *Livro dos Espíritos*, pois preferiu deixá-la sob uma conclusão mais impessoal, sem definir categoricamente quanto à inferioridade ou superioridade de Marte sobre a Terra. Naturalmente reconheceu tratar-se de detalhes prematuros para a época, que poderiam provocar discussões estéreis e improváveis no seu tempo. Se assim não fora, ele então teria elaborado algumas perguntas específicas aos espíritos, a fim de consagrá-las sob a égide do Espiritismo.

Comprovando nossas asserções, podeis verificar que Allan Kardec assim se refere em sua conceituação: “Segundo os Espíritos, de todos os mundos que compõem o nosso sistema planetário, a Terra é dos de habitantes menos adiantados física e moralmente. Marte lhe estaria abaixo, sendo-lhe Júpiter superior de muito, a todos os respeitois”. É fora de dúvida que Kardec emitiu a sua opinião na forma verbal imperfeita do condicional, isto é, Marte estaria ainda abaixo da Terra; e ainda tornou essa sua referência mais elástica, expondo-a “segundo a opinião dos Espíritos”, que também não personalizou. Não registrou afirmativa imperiosa, porém condicionou o fato de Marte estar abaixo da Terra, segundo estivessem certos os espíritos que o ventilaram.

Em face do avanço científico de vossos dias, no campo da astronáutica, e, também, das relações interplanetárias delineando-se para este século, não tardam as comprovações de que Marte é mundo habitado e superior à Terra, com um índice científico, social, moral e espiritual primoroso. No entanto, Kardec não será desmentido em sua opinião acima, porquanto ele também firmou a conclusão na premissa condicional da comunicação impessoal dos espíritos, em vez de afirmativa absoluta e definitiva”.

## *Esclarecimentos necessários*



Meus irmãos,

Pondo em vossas mãos esta obra, *A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores*, de Ramatís, devo esclarecer-vos quanto à natureza do assunto porque, a muitos, parecerá estranho e a outros, talvez, fantasioso. No entanto, para aqueles que já conhecem os fenômenos mediúnicos, não lhes causará espanto que a criatura do mundo físico possa ser um canal ou antena viva apta a receber os pensamentos dos que já partiram deste mundo. Aliás, o aspecto insólito do caso consiste, apenas, em que uma das entidades se encontra fora do plano dos chamados “vivos”; pois o fenômeno, em sua realidade abstrata, nada mais é do que o da transmissão de pensamento, já exaustivamente comprovado, e que é classificado sob o nome de telepatia. E, visto que eu figuro nesta obra com a função de “médium”, ou seja, como intermediário entre o Além e a Terra, decerto são oportunos os esclarecimentos que passo a expor:

Quando eu atingi a idade de três anos, deu-se comigo um fato excepcional que, muitas vezes, fora considerado por minha progenitora. Certa manhã, na cozinha de nossa residência, em Curitiba, surgiu em minha frente a figura majestosa de uma entidade que, agora, posso determinar ser um espírito que se apresentava recortado no meio de intensa massa de luz refulgente, cuja aura, de um amarelo-claro, puro, com nuan-

ças douradas, era circundada por uma franja de filigranas em azul-celeste, levemente tonalizada em carmesim. Seu traje, um tanto exótico, compunha-se de ampla capa descida até os pés e que lhe cobria a túnica de mangas, ajustada por um largo cinto esmeraldino. As calças eram apertadas nos tornozelos, como usam os esquiadores. A tessitura de toda a veste era de seda branca, imaculada e brilhante, lembrando um maravilhoso lírio translúcido; e os sapatos, de cetim azul-esverdeado, eram amarrados por cordões dourados que se enlaçavam atrás, acima do calcanhar, à moda dos antigos gregos firmarem suas sandálias. Cobria-lhe a cabeça um singular turbante de muitas pregas ou refegos, encimado por cintilante esmeralda e ornamentado por cordões finos, de diversas cores, caídos sobre os ombros. Fugazmente, pude entrever-lhe as mechas de cabelos, pretos como azeviche. Sobre o peito, uma corrente formada de pequeninos elos de fina ourivesaria, da qual pendia um triângulo de suave lilás luminoso, que emoldurava uma delicada cruz alabastrina.

Tal indumentária não denunciava uma expressão definida, mas sugeria algo de iniciático: um misto de trajes orientais. Depois, vim a saber que se tratava de um vestuário indo-chinês, mas um tanto raro porque era um modelo sacerdotal, antigo, muito usado nos santuários da desaparecida Atlântida.

Deslumbrado pela intensa aura de luz que invadia todo o aposento, eu, apontando a magnificente personagem, dizia à minha mãe, surpresa, que estava ali o “Papai do Céu”.

Naturalmente, como criança tenra, cujo espírito ainda se encontrava liberto das contingências opressivas da matéria, eu certificava com os olhos do espírito aquilo que minha mãe não conseguia ver com a visão física. A fisionomia insinuante da entidade retinha minha atenção. Seus olhos aveludados, castanho-escuros, iluminados de ternura, dominavam-me com seu brilho que traduzia bondade e vontade poderosa. O espírito fitou-me amorosamente e, na profundidade do seu olhar impressionante, senti-lhe o afeto e quase a lembrança de um passado longínquo, que me segredava conhecê-lo na intimidade da alma. E quando, em angélico aprumo, ele fez menção de afastar-se, percebi-lhe, dos lóbulos centrais da fronte, dois sulcos luminosos, que fulguravam para o Alto. Em seguida,

esfumou-se rapidamente, deixando-me na retina espiritual a sua imagem gravada para sempre.

Esse foi o meu primeiro contato com Ramatís.



Ao completar trinta anos de idade, um dia, após breve leitura, quando repousava no leito, eis que, inesperadamente, a sua imagem ressurgiu na tela do meu pensamento, embora sem a precisão dos detalhes que pudera notar-lhe na minha infância. E, através do fenômeno da “audição mental”, pressentia-lhe a voz no silêncio e na intimidade da minha alma, como a lembrar-me de certo compromisso de trabalho em relação a um objetivo ideal. Nesse aquietamento de espírito, imagens e fragmentos de paisagens egípcias, chinesas, hindus, gregas e outras, desfilavam na minha mente como um filme cinematográfico, causando-me emoções tão cheias de encantamento que, ao despertar, eu tinha os olhos em lágrimas; e, no recesso da minha alma, sentia-me, efetivamente, ligado a uma promessa de ordem sacrificial, desinteressada e realizável, embora entre as opiniões mais contraditórias. Daí a minha atual preocupação quanto à crítica favorável ou contrária aos comunicados que recebo de Ramatís, certo de que só o decorrer do tempo comprovará as realidades do que ele tem enunciado por meu intermédio.

Nessa época, eu tentava o desenvolvimento mediúnico, pois o excesso de fluidos, que vibravam em mim, transformou-se num fenômeno de opressão e ansiedade, que me levou aos consultórios médicos, ingressando, então, na terapia de sedativos e tratamentos de neurose e de sangue, sem que, no entanto, conseguissem identificar a verdadeira causa do meu estado, o qual era todo de ordem psíquica. Felizmente, um amigo sugeriu-me que eu devia “desenvolver-me num centro spiritista”. Aceitei a sugestão e, efetivamente, em menos de trinta dias, recuperei minha saúde, quanto a esse estado aflitivo e anormal de perturbações emocionais. Devotei-me, então, a uma leitura intensa do setor espiritualista. Todavia, não consegui livrar-me da complexa confusão anímica, que é a “via-crucis” da maioria dos médiuns em aprendizado. No meu deslumbramento de

neófito, alvorecei-me no anseio de obter ou desenvolver, o mais depressa possível, a mediunidade sonambúlica, pois ainda ignorava que as faculdades psíquicas exigem exaustivo esforço ascensional e que a disciplina, o estudo, a paciência e o critério cristão são os alicerces fundamentais do bom êxito. Além disso, a dor, com todos os seus recursos impiedosos, assaltou-me por largo tempo; doente, fui submetido a quatro operações cirúrgicas; sofrimentos morais, aumentados ainda por prejuízos econômicos, fecharam-me naquela situação acerba em que a alma se vê forçada a olhar as profundidades de si mesma em busca de um mundo extraterreno, liberto das ansiedades mesquinhas e de caráter transitório.

Então, no silêncio das noites insones, meditando profundamente, consegui encorajar-me daquela resignação intrépida que decide o homem a aceitar todos os espinhos, desde que seja a serviço do Divino Mestre. E minha alma ouviu o cântico sublime daquele amor que nos leva a compreender que somos uma unidade cooperadora do equilíbrio do Universo Moral, servindo a Deus e ao próximo.

Após ter imposto esse traçado a mim mesmo, um dia, escutei a voz amiga e confortadora de Ramatís para guiar-me. E, então, a minha mediunidade começou a florescer como a flor cuja raiz encontrou um solo rico de energias vivificantes.



Tempos depois, comecei a escrever, ativado por uma intuição viva e notando que as idéias, por vezes, me surgiam rápidas, tão aceleradamente que não me davam tempo de fixá-las em sinais gráficos, nem poder atender às regras da linguagem e ao ajuste coerente do vocabulário. Embora escrevendo sob o império da minha vontade, era intenso o jorro de pensamentos que ligavam, que explicavam e coordenavam o assunto em foco, avançando além da minha capacidade datilográfica.

Deslumbramentos súbitos, motivos cósmicos se delineavam inesperadamente, e eu quase perdia o contato com o mundo de formas. Houve momentos em que julguei ouvir o “cicio” da irrigação da seiva no cerne da árvore e nas vergôntes e ramos da roseira. As configurações limitadas das

coisas materiais esfumavam-se na minha mente, e eu me sentia integrado no todo cósmico. Então, fui tomado pela euforia de querer transmitir a todos essa sensação transbordante de júbilo espiritual. Puro engano. Diante de olhares espantados e de críticas superficiais, sofri grandes decepções, que me fecharam num mutismo constrangido. Alguns confrades não escondiam o temor de minhas palavras; outros citavam o exotismo das minhas divulgações. Tempos depois, acomodei-me, por ser tão impossível fazer-me entender quanto a um cego de nascença fazer compreender os esplendores cromáticos da aurora boreal. Contudo, apesar desse ambiente de dúvidas, decepções e incompreensão, minha acuidade receptiva foi-se apurando até que, finalmente, foi possível colocar-me em plena afinidade com Ramatís, aquela figura resplandecente que eu vira na infância, podendo, agora, receber seus comunicados sobre assuntos e problemas substanciais como os desta obra.

\* \* \*

O leitor, muitas vezes, encontrará aqui certas perguntas ou indagações extemporâneas e, também, algumas de respeitosa discordância, as quais, no entanto, tiveram por objetivo provocar uma nova explicação, a fim de que o assunto ficasse devidamente elucidado. Aliás, Ramatís sempre nos pôs à vontade quanto às perguntas que entendêssemos de formular, pois esta obra visa a ser lida por pessoas de todos os matizes psicológicos. Daí a diversidade das questões propostas, algumas abordadas mais de uma vez, tendo em vista a oportunidade e conveniência de serem ventilados os diversos assuntos que se relacionassem com a nossa vida na Terra. Além disso, muitos leitores, considerando-lhe os aspectos morais, alcançarão identificar as causas de seus próprios deslizes, prejuízos e desregramentos, enquanto, na intimidade de sua alma, uma voz silenciosa lhes dirá que o remédio para todos esses males é o Evangelho de Jesus. Todas as conclusões desta obra são subordinadas a uma solução evangélica. O terceiro milênio, como afirma Ramatís, será o do Mentalismo Crístico; pois o convite espiritual que, até hoje, é feito ao homem, tem sido condicionado a superfícies destinadas a impressionar exclusivamente aos

olhos, confinando a luz das verdades evangélicas às cerimônias religiosas e ao sectarismo de pregadores sentenciosos.

Eis, pois, mais um dos objetivos superiores a que atende este livro em que Ramatís, com a sua experiência milenária, discorre sobre uma humanidade superior, embora ainda num mundo material; mas que, entretanto, nos faz conhecer a maior parte das nossas insânias mentais e a urgente necessidade de extingui-las mediante a terapêutica santificante do Evangelho interpretado em Espírito e Verdade.

Os que sentirem e escutarem, através de sua leitura, o misterioso chamado do Amigo Divino, esses hão de descobrir e sentir a superioridade da humanidade marciana. O modo de vida em Marte é exemplo urgente de imitação.

Os que compulsarem esta obra não devem apegar-se, exclusivamente, aos aspectos superficiais de suas impressionantes revelações; pois, se não considerarem, de preferência, o conteúdo moral e espiritual da sua substância, é que, então, preferem ser despertados, mais tarde, pelos reagentes compulsórios da Lei Divina, a qual impõe limitação àquele livre-arbítrio que gera a indiferença e o desinteresse pelo convite do Pai. Se nunca é tarde, já é tempo de iniciarem, objetivamente, a jornada de sua própria redenção.



Talvez seja desinteressante uma obra que se ocupa da vida no planeta Marte, quando, afinal, ainda não sabemos orientar nossos destinos na Terra; mas semelhante concepção é bastante precária, pois se o critério de Cristóvão Colombo fosse idêntico, ele não se teria arrojado à patética aventura de descobrir a América.

E, se na mente do intrépido “sonhador” ou visionário, não se apagava a luz da miragem que o incendiava, foi porque, conforme ele deixou anotado na obra que escreveu sob o título *Libro de las Profecias* (referindo-se à existência de outro continente), sentia uma força ou intuição viva que o levou a desabafar assim: “Quem duvida que esta inspiração não me foi dada pelo Espírito Santo que, com seus raios de luz maravilhosa, me vinha avivando e ordenando que eu prosseguisse e, ainda sem



cessar um momento, continua a inspirar-me com entusiasmo, consolando-me com a leitura da Sagrada Escritura, nos livros do Velho e do Novo Testamento, com as epístolas dos bem-aventurados apóstolos?...”

Assim, guardada a distância que possam atribuir a esta obra sobre a vida no planeta Marte, como de valor secundário, ela não escaparia à lei regente da evolução social. E por isso, como todas as do mesmo teor, foi também inspirada e concretizada mediante a articulação dos dois planos, o plano invisível e o nosso, tendo sido o signatário destes esclarecimentos apenas um veículo ou instrumento humano para dá-la a conhecer ao nosso mundo.

Em sua íntima substância, a “Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores” vem dar um alto relevo à afirmativa de Jesus: “Na casa de meu Pai há muitas moradas”. É óbvio que esta obra só encontrará eco edificante nos corações ansiosos pela verdadeira cristianização do homem, considerando que semelhante conquista moral é a única eficaz e segura para fundar a paz na Terra e asfixiar, para sempre, a estúpida moral dos códigos humanos, cuja mentalidade induz a ciência a exaurir-se no afã de descobrir o meio mais eficiente de assassinar homens, mulheres e crianças, aos milhões, mediante o extermínio provocado pelas explosões atômicas.



Ramatís informa que sua última encarnação na Terra foi no século X, tendo o seu traspasse ocorrido no ano 993, na Indochina, após ter fundado e dirigido um templo iniciático, que era freqüentado por dezenas de discípulos. Em trabalho íntimo, Ramatís já nos assinalou vários de seus antigos discípulos, reencarnados no Brasil, os quais, efetivamente, estão cooperando com entusiasmo nas tarefas daqueles que o conheceram na Indochina, na Índia, no Egito ou na Grécia; e os mais afins viveram com ele na Atlântida e Lemúria.

Não temos autorização para maiores informações a seu respeito, mesmo porque ele as considera inoportunas. Em reuniões privativas, temos sabido que Ramatís vem operando, do plano astral, há muito tempo; pois, conhecendo o trabalho

sideral da humanidade terrena, ele se esforça para cooperar na sua evolução. O triângulo com uma cruz que lhe pende sobre o peito é a sua insígnia de integrante da Fraternidade da Cruz e do Triângulo, ordem desconhecida para nós. Por vezes, menciona os inúmeros iniciados que passaram pelo nosso mundo pregando a Verdade em todas as latitudes do nosso orbe e acentua que “Jesus de Nazaré foi o mais fiel intérprete da Mente Divina”.

\* \* \*

Que Jesus nos abençoe e que este livro ingresse em todos os lares brasileiros, a fim de acordar nos corações aquele mesmo hino que, ao nascer no mundo o Salvador, fez que os anjos descessem para entoar a mensagem do Amor Universal, *Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra aos homens de boa Vontade!*

Hercílio Maes

## *Prefácio*



Entre as verdades objetivas integradas no neo-espiritualismo classificado de Espiritismo, uma das que têm encontrado maior relutância em ser aceita pelas religiões ortodoxas é a das comunicações dos chamados “mortos”, ou seja, dos espíritos desencarnados que, depois de se encontrarem no mundo invisível, vêm falar aos homens. No entanto, semelhante fato está suficientemente comprovado por homens que se impuseram ao mundo pela sua autoridade de cientistas eminentes, embora, como tem acontecido sempre que surgem revelações estranhas à “ciência oficial”, eles não tenham escapado aos motejos, às críticas dos que insistem em decifrar os fenômenos da vida universal, condicionando-os à configuração do meio em que vivem. É como se um peixe quisesse investigar e definir a vida terrestre atendo-se à fenomenologia do oceano. Certamente, uma de suas afirmações categóricas, seria que “fora d’água ninguém vive!”

Citaremos, pois, as experiências assombrosas levadas a efeito por William Crookes, o célebre físico inglês, que os seus compatriotas igualam a Newton; Paulo Gibier e Charles Richet, expoentes da ciência da França; Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, e membro da Academia Real; Frederico Myers, que o Congresso Oficial Internacional de Psicologia, realizado em Paris, em 1900, elegeu seu presidente honorário; Camille Flammarion, sábio astrônomo de projeção mundial; Russel Wallace, famoso naturalista inglês; Cesar Lombroso e

Ernesto Bozzano, eminentes psiquiatras italianos; Dr. William Brown, professor de psicologia; Artur Conan Doyle, escritor, cujas obras policiais, de feição científica, são conhecidas em todos países; e, finalmente, a Sociedade de Pesquisas Psíquicas, de Londres, cujas experiências, levadas a efeito por intelectuais respeitáveis, têm averbado nas suas atas múltiplos fenômenos que identificam e comprovam a comunicação dos chamados “mortos” com os que se dizem “vivos”.

Porém, a fim de demonstrarmos que a negação obstinada dos atuais “doutores da lei” não tem amparo nem mesmo nos livros sagrados que constituem a base da religião que professam, vamos reportar-nos ao Velho e ao Novo Testamento da Bíblia Sagrada, destacando alguns fatos que atestam a veracidade das comunicações espiritistas.

De início, acentuaremos que, se Moisés, conforme consta do Deuteronômio, proibiu a evocação dos “mortos” ou espíritos, é porque essas comunicações são possíveis, pois, é de elementar bom senso que jamais alguém proibirá a prática de um fato que não existe.

Ainda, no Velho Testamento, ressalta com evidência especial a comunicação de Samuel (espírito) o qual, evocado pela pitonisa de Endor, se apresentou a falar com seu irmão Saul. E nos Evangelhos estão referidos outros casos idênticos, que constituem provas irrefutáveis da idoneidade dos mesmos fenômenos. Senão, vejamos:

A respeito do nascimento de Jesus, consta dos Evangelhos este relato: “O anjo Gabriel, dirigindo-se a Maria, disse-lhe: Ave, cheia de graça; o senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres. Conceberás e darás à luz um filho e lhe porás o nome de JESUS”.

Outra comunicação espiritista é a do mesmo anjo, quando apareceu a Zacarias no templo e o avisou de que sua mulher Isabel iria ter um filho, que foi João Batista. Ainda o mesmo fenômeno, assistido por Pedro, Tiago e João, é o que se passou no Monte Tabor, quando Moisés e Elias desceram a confabular com Jesus. E referem ainda os Evangelhos que Maria Madalena, indo ao sepulcro em busca do corpo de Jesus, viu dois anjos que lhe disseram: “Buscais Jesus que foi crucificado? Não está aqui; pois ressuscitou, como tinha dito”.